

VICTOR DE SÁ

Saudade por Flávio

PÓVOA DE VARZIM
1989



B)
29 Gonçalves, Flávi
A

SEPARATA DO BOLETIM CULTURAL

PÓVOA DE VARZIM

Vol. XXVI — N.º 1 — 1989

SAUDADE POR FLÁVIO

*Oferta do autor é
B.M. Barcelos
viii/91*

por VICTOR DE SÁ

O Flávio que eu conheci em Coimbra não era positivamente o mesmo Prof. Flávio Gonçalves, mestre de História de Arte que depois foi na Faculdade de Letras do Porto.

Saudoso amigo e colega, como eras pujante de vida, alegre, sarcástico e irónico desde o nosso primeiro encontro nos corredores da velha Universidade. Estávamos a aguardar a chamada para prestarmos provas orais já não sei a que cadeira. Nós, como outros trabalhadores estudantes, que éramos os únicos a termos de nos sujeitar a essas provas.

Tu eras então professor primário, já andavas a inventariar as "almi-nhas" da tua terra. Não assisti às provas que prestaste, nem tu às minhas, nem ninguém às de ninguém, porque todos nos respeitávamos, embora fossem públicas e de porta aberta. Os alunos voluntários, como então se dizia dos estudantes trabalhadores, não cultivámos entre nós invejas concorrenciais, porque todos tínhamos já uma base de vida material, mínima que fosse, e se estávamos a fazer um redobrado esforço para a nossa promoção académica, é porque éramos homens insatisfeitos, ávidos de saber, e a nossa experiência da vida nos ensinara amargamente, às vezes vexatoriamente, que um qualquer dr. ignorante ou tolo valia naquela sociedade incomparavelmente mais que outro qualquer homem honrado ou com inquietações intelectuais.

Tu tinha-las. Logo vi nas breves conversas de corredor de Faculdade de Letras de Coimbra, quando desde aí ficamos amigos. E confirmei-o uns meses mais tarde, quando em Braga foste a um qualquer congresso etnográfico, em que ambos participámos com o nosso colega Adriano Vasco, a mim tentaram silenciar-me (lembras-te?), mas tu apresentaste com grande vivacidade e muita erudição um dos teus

primeiros trabalhos, esse da arte popular que tu consagraste precisamente às alminhas com chamas do purgatório, que se encontram nas bermas ou nos cruzamentos de estradas e caminhos por essas aldeias fora.

Tu eras efusivo na alegria de saber e de comunicar, como eras sarcástico na apreciação dos vaidosos e falsos eruditos, alguns que se pavoneavam nas salas e banquetes daquele congresso.

Os predicados de grande professor que eras vi-os depois confirmados quando por três ou quatro anos leccionaste no liceu Sá de Miranda da mesma cidade. Eras tu, era o também já saudoso Ilídio Sardoeira, era o matemático e poeta Manuel da Fonseca, alguns mais, que em meados da década de 50 e inícios de 60 despertaram o espírito crítico dos alunos que vos estimavam, com despeito de velhos colegas caducos, que também os houve e de má catadura.

Foi diferente o nosso encontro anos mais tarde, já o 25 de Abril passara há longos meses, e nos encontramos no comboio, ias tu para uma reunião do conselho consultivo de uma Junta de Lisboa, de que fazias parte há anos, eu não me lembro que destino levava. E nos perguntámos reciprocamente sobre as nossas nomeações esperadas para a Faculdade de Letras do Porto, onde já ambos leccionávamos, creio. Mas a nomeação oficial demorou, demorou, e ninguém nos sabia explicar as razões dessa demora. Tu ias magoado como a morte. E depois disso, nunca mais te reencontrei com a alegria que era a tua quando te conheci.

Quando já era normal encontrarmo-nos à entrada ou saída das aulas e sessões da Faculdade, a tua dor, que diferentes causas agravaram e se interiorizou em ti de um modo cada vez mais dramático, só a vi minorada quando expunhas os teus projectos de trabalho, sempre concretizados, e punhas todo o teu empenho a solicitar colaborações para o Boletim Cultural da tua terra, que era a menina dos teus olhos. Que os conterrâneos te mereçam!

Morreste em desespero de luta interior.

E foi tão intenso o choque que a notícia da tua morte causou, que só agora, passado um ano, tenho voz para expressar a minha dor e a saudade de nos teres deixado.

Ainda bem que a obra científica e literária que produziste, essa, projecta-se para além do teu desaparecimento físico, e ficará como recordação perene do teu labor honesto e empenhado.

Rio de Mouro, 20.V.988

biblioteca
municipal
barcelos



54962

Saudade por Flávio